



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL
CURSO: LETRAS- PORTUGUÊS/FRANCÊS

BRUNO XAVIER ALVES
NATÁLIA MARIA DA SILVA SOUZA ALVES

**O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO
FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE):
O gerenciamento das emoções nos níveis iniciais de aprendizagem para uma aquisição
significativa**

Oiapoque – AP

2022

Bruno Xavier Alves
Natália Maria da Silva Souza Alves

**O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO
FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE):
O gerenciamento das emoções nos níveis iniciais de aprendizagem para uma aquisição
significativa**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Amapá- UNIFAP como requisito para a
conclusão do Curso de Letras Francês-
Português.

Orientador: Prof. Esp. Manoela Araújo




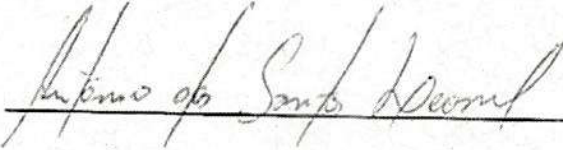
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL – OIAPOQUE/AP
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO – COGRAD
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E FRANCÊS**

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia **06** de **novembro** do ano de **2022**, às **17h**, na sala **D3**, compareceram os discentes **Bruno Xavier Alves** e **Natália Maria da Silva Souza Alves**, autores do TCC intitulado **O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (FLE): O GERENCIAMENTO DAS EMOÇÕES NOS NÍVEIS INICIAIS DE APRENDIZAGEM PARA UMA AQUISIÇÃO SIGNIFICATIVA** para a obtenção de grau de licenciado em Letras, sob orientação de **Elizangela Manoela Araújo da Silva**. Depois da apresentação, o acadêmico respondeu aos questionamentos da banca formada por **Max Silva** e **Antônio Leonel**. Após as considerações, os membros da banca se reuniram e atribuíram a nota **10 (dez)**. Em seguida, finalizando os trabalhos, a orientadora leu a presente ata, que será assinada pelos membros presentes da banca examinadora e pelo acadêmico, declarando encerrados os trabalhos às **18h00**.


Orientador(a)


Prof. Me. Max Silva do Espírito Santo


Avaliador(a)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o lugar da afetividade no processo de aquisição de uma Língua Estrangeira (LE) e como a gestão de sentimentos e emoções pode trazer benefícios a esse processo. Muitas reflexões aqui apresentadas foram vivenciadas ao longo dos estudos no curso de Letras Franco-Português da UNIFAP que, ao longo desses cinco anos, nos fizeram perceber o quanto os sentimentos e emoções influenciam o processo de aquisição da língua estrangeira, como as manifestações descritas por Wallon (1986), e que envolvem todo o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. O saber gerir a afetividade neste processo pode ter um resultado positivo ou negativo, podendo assim desenvolver dificuldades na aprendizagem do aprendente, em que Pain (1985) nos proporciona a possibilidade de diagnosticar e tratar problemas de aprendizagem, enfatizando a resolução de tais adversidades. A gestão da afetividade, orientada pelo professor, pode trazer benefícios ao educando, pois, quando ele percebe que ter medo e errar faz parte do processo de aprendizagem e que sentimentos e emoções negativas podem ser controlados, momento em que o educando sentirá mais seguras, mais confiantes e assim poderão viver uma experiência de aprendizagem mais leve, mais eficaz e mais satisfatória.

Palavras-chave: Afetividade; FLE; Ensino-aprendizagem; Professor; Aluno.

RÉSUMÉ

Le présent travail vise à présenter la place de l'affectivité dans le processus d'acquisition d'une Langue Étrangère (LE) et comment la gestion des sentiments et des émotions peut apporter des bénéfices à ce processus. De nombreuses réflexions présentées ici ont été vécues tout au long des études dans le cours de Lettres Français-Portugais à l'UNIFAP qui, au cours ces cinq ans, m'a fait prendre conscience à quel point les sentiments et les émotions influencent le processus d'acquisition d'une langue étrangère, telles que les manifestations, décrites par Wallon (1986), entourent l'ensemble du processus d'apprentissage d'une langue étrangère et savoir comment gérer l'affectivité dans ce processus peut avoir un résultat positif ou négatif, pouvant ainsi développer des difficultés dans l'apprentissage de l'apprenant, là où Pain (1985) apporte nous offre la possibilité de diagnostiquer et de traiter les problèmes d'apprentissage en mettant l'accent sur la résolution de telles adversités. La gestion de l'affectivité, guidée par l'enseignant, peut apporter des bénéfices à l'apprenant car, au moment où il prend conscience qu'avoir peur et faire des erreurs fait partie du processus d'apprentissage et que les sentiments et émotions négatifs peuvent être contrôlés, à ce moment le l'apprenant se sentira plus en sécurité, plus en confiance et pourra ainsi vivre une expérience d'apprentissage plus légère, plus efficace et plus satisfaisante.

Mots-clés : Affectivité ; FLE ; Enseignement-apprentissage ; l'Enseignant, l'Élevé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
OBJETIVOS	8
METODOLOGIA.....	9
JUSTIFICATIVA.....	10
AFETIVIDADE: DEFINIÇÃO E ALGUMAS REFLEXÕES	12
Definição de sentimento	12
Fatores individuais	14
Fatores das relações interacionais.....	16
A problemática na formação do professor de FLE no Brasil hoje	18
O papel da figura docente no gerenciamento das emoções.....	21
Estratégias de trabalho do gerenciamento dos sentimentos e emoções nas classes de LE.....	22
A afetividade no contexto escolar.....	23
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta discursões e reflexões sobre o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de uma LE, nesse caso, no ensino do francês língua estrangeira (FLE), e a importância do gerenciamento das emoções como fator preponderante para uma aprendizagem significativa nos níveis iniciais da aprendizagem do FLE. Trata-se de um estudo de como e em quais momentos a afetividade pode influenciar em tal processo, e se esta influência, de alguma forma, determina o sucesso ou o fracasso da aprendizagem.

Sabemos que as emoções podem interferir no processo de aprendizagem e que é dever do educador estimulá-las de maneira correta para que o aprendiz de língua estrangeira, doravante LE, aprenda a desenvolver suas habilidades e competências comunicativas trabalhando a autoconfiança, o controle, a tomada de decisões. Tal certeza advém das análises e discussões nas disciplinas de Psicologia da Educação e Didática do FLE I e II, em que foram abordados temas que versam sobre a aprendizagem, seus aspectos psicológicos, estudos sobre a cognição, o desenvolvimento do sujeito, as formas mais eficientes de ensinar, a aquisição de uma língua estrangeira e, principalmente, das experiências vividas enquanto acadêmicos do curso de Letras Francês, onde iniciamos nossa dupla formação e na qual começamos a aprender a língua francesa do zero.

As discussões e reflexões nessa pesquisa baseiam-se em trabalhos já publicados de pesquisadores que dissertam sobre o processo de ensino-aprendizagem, aprendizagem e o processos de aquisição de linguagem/língua, processo de cognição e pensamento, processo psicomotor de aprendizagem, etc. Os processos que envolvem dificuldades de aprendizagem durante os níveis iniciantes das disciplinas de língua, problemas de aprendizagem relacionados a fatores emocionais, tais como: ansiedade, insegurança, baixa autoestima, nervosismo. Diante disto, pretendemos com esse trabalho compreender o ponto de equilíbrio entre os aspectos emocionais e os cognitivos relacionados ao ensino-aprendizagem do francês como língua estrangeira nos níveis iniciais da aprendizagem.

Nos embasando nos trabalhos de: Wallon (1941; 1934; 1986; 1971.); Arnold (2000; 2006); Tagliante (2006); Arnold e Brown (1999); Paín (1992; 1985), dentre outros estudiosos da área da afetividade, do processo de ensino-aprendizagem e da cognição, surge a ideia de fazer uma pesquisa sobre a relação ativa da afetividade na construção do conhecimento. Acredita-se que a aprendizagem se torna significativa para o aluno quando este participa efetivamente de seu aprendizado, e que este se dê através da afetividade pois, segundo Wallon (1941) “este, ao propor colocar a afetividade em sua teoria como um dos aspectos centrais do desenvolvimento, afirma estar as emoções estritamente ligadas à aprendizagem humana”.

Analisando as discussões dos autores acerca do tema acima citados e associando-as as nossas experiências enquanto aprendizes de FLE - Francês Língua Estrangeira, nossas inferências nos levaram a formular as seguintes questões que nortearam esta pesquisa: “A afetividade possui alguma influência no sucesso ou fracasso da aprendizagem do FLE?”; “Quais os aspectos afetivos intervêm negativamente nesse processo?”; “Saber gerenciar as emoções durante o processo inicial de aprendizagem de uma LE tornaria este aprendizado menos doloroso e mais significativo?”. Tais questões nos levaram a querer investigar a possibilidade de a afetividade, transcrita através das emoções, teria alguma relação com o sucesso ou fracasso na aprendizagem nas aulas de FLE.

Tomando por base as contribuições de Arnold e Brown (1999, p.1 *apud* ARAGÃO, 2011, p. 2), o mesmo afirma que o afeto está relacionado a aspectos tais como emoção, sentimento, humor ou atitude que condicionam o comportamento. O indivíduo, independentemente de ser criança ou adulto, que se encontra em um ambiente alegre, acolhedor, seguro, estaria bastante propenso a aprender pois, seu filtro afetivo estaria baixo.

Segundo a hipótese de Krashen (1981, vii *apud* PAIVA, 2014, p. 31), o filtro afetivo se baseia no pressuposto de que as pessoas com atitudes positivas em relação à língua-alvo aprenderão com mais facilidade, pois tendem a buscar mais *input*, ou seja, ficam mais expostas à língua e apresentam um filtro afetivo mais baixo. Este filtro explica por que existem pessoas que muitas vezes moram anos e anos em países onde se fala outra língua e, não conseguem atingir um nível que as possibilitem, no mínimo, comunicar-se nesta língua. Estas pessoas, na maioria das vezes têm experiências ruins durante estes primeiros contatos, levando-as a se isolarem, a não entrar em contato com um nativo por medo ou vergonha de falar errado. Daí, quando necessitam se comunicar, levam consigo alguém que lhes sirvam de intérprete, diminuindo mais ainda o contato com o interlocutor nativo, aumentando seu filtro afetivo e diminuindo suas chances de aprendizagem na língua estrangeira. De acordo com Krashen (1985, p. 4 *apud* PAIVA, 2014, p. 32):

As pessoas só adquirem uma segunda língua se conseguem *input* compreensível e se seu filtro afetivo estiver baixo o suficiente para permitir a entrada de *input*. Quando o filtro está ‘baixo’ e é apresentado *input* compreensível apropriado (e compreendido), a aquisição é inevitável e o ‘órgão mental’ da linguagem funcionará automaticamente como qualquer outro órgão.

Para Wallon (1971, p. 91), as emoções correspondem a um estágio de evolução e estas apresentam três propriedades pelas quais agem e alteram o mundo social: a) a contagiosidade- capacidade de contaminar o outro; b) a plasticidade- capacidade de refletir no corpo seus sinais; c) a regressividade- capacidade de regredir as atividades do raciocínio. As emoções, segundo

Wallon (op cit), têm a função de garantir necessidades básicas, mas vão se transformando em movimentos expressivos em função das pessoas e do meio social.

Para Wallon (1971), a afetividade corresponde às primeiras experiências de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, e ao desenvolver a afetividade, passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social, e que o ser humano por ser dotado de sentimentos, a carrega consigo durante todo o processo de aquisição ao longo de sua vida, suas emoções.

Nossas hipóteses apontam que a afetividade está diretamente ligada a todo tipo de aprendizado, incluindo o processo de aquisição de uma língua estrangeira, pois, antes de sermos professores de uma determinada LE, somos aprendizes desta língua. Se refere aqui àqueles que aprenderam uma língua estrangeira do ponto inicial para depois ensiná-la, não aos professores natos do idioma que ensinam.

Logo, ao estudarmos uma língua estrangeira queremos aprendê-la para algum fim, seja para se comunicar em uma viagem de férias, seja a negócio ou para estudos, sempre temos uma razão para aprendermos uma língua estrangeira e, neste primeiro momento no qual decidimos aprender a LE, já temos aqui algumas manifestações de sentimentos e emoções: o desejo, a confiança, o medo, a dúvida, etc.

Aprender uma nova língua implica expor-se ao novo, ao desconhecido e tudo que é novo traz sentimentos como o medo, a incerteza, sentimentos que se não bem gerenciados ou não canalizados adequadamente para uma ação positiva, podem levar à dificuldade de aprendizado e até mesmo a desistência em aprender uma língua estrangeira devido à dificuldade de gerenciamento dos sentimentos e das emoções. Estes sentimentos, chamados por Wallon (op cit) de afetividade, circundam todo o processo de aprendizagem da língua estrangeira, saber lidar com a afetividade neste processo pode ter um resultado positivo ou negativo.

OBJETIVOS

Geral:

Promover reflexões acerca do papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira (FLE) nos níveis iniciais de aprendizagem para uma aquisição significativa.

Específicos:

Mostrar a importância do gerenciamento e equilíbrio dos aspectos afetivos e emocionais no processo de ensino-aprendizagem em FLE;

Conhecer o contexto do processo de ensino-aprendizagem nos níveis iniciais de aquisição da língua francesa;

Abordar o papel a ser desempenhado pelo professor enquanto agente promotor desse processo de ensino-aprendizagem de FLE;

Apresentar alternativas para a gestão da afetividade para uma aprendizagem significativa.

METODOLOGIA

A natureza dessa pesquisa é bibliográfica, pois, apresenta reflexões e discursões sobre o papel da afetividade no ensino-aprendizagem de FLE, mostrando como o gerenciamento das emoções e sentimentos é um fator preponderante e significativo no processo de ensino-aprendizagem, principalmente, nos níveis iniciais de aprendizagem.

Segundo Severino (2013), a pesquisa bibliográfica é:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (p.95).

Logo, essa pesquisa está ancorada em estudos já realizados sobre a afetividades, suas relações com o ensino-aprendizagem, gerenciamento das emoções, dos sentimentos no desenvolvimento, e o processo cognitivo que envolve a aprendizagem. Ela também se apresenta como de objetivo exploratória, levando para o campo explicativo das boas práticas, como afirma Severino (2013, p. 96):

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um corpo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa.

Assim, este trabalho visa mostrar as circunstâncias em que o gerenciamento da afetividade (boa ou ruim) podem provocar no processo de aprendizagem de uma LE, mostrando o que as boas ou maus práticas fazem com que o sujeito aprendiz tenha um bom ou mal desenvolvimento na aquisição de uma outra língua, L2.

De acordo com o que explicita Severino (2013), essa pesquisa segue em uma abordagem qualitativa, pois, o material/objeto de estudo dessa pesquisa são textos reflexivos que tratam sobre a afetividade, o processo de ensino-aprendizagem, o processo cognitivo, processo psicomotor e processo de desenvolvimento intelectual.

JUSTIFICATIVA

Dentre os inúmeros aspectos que contribuem para o universo da sala de aula de língua estrangeira, o que mais nos chama a atenção é a questão afetiva. Ao longo dos mais de quatro anos de experiência como alunos do curso de Letras- Francês do Campus Binacional, da Universidade Federal do Amapá, observamos que os níveis iniciais de aprendizado da língua estrangeira são essenciais para o progresso do aprendiz.

Ao entrar numa sala de aula para aprender o francês, idioma ensinado em todas as escolas do Estado do Amapá devido seu prestígio e pelo fato de sermos fronteira com um departamento ultramarino francês, nós aprendizes, não chegamos despidos de nossas emoções, pelo contrário chegamos cheios de expectativas e motivações que geram os mais variados sentimentos. Tais sentimentos podem, muitas vezes serem negativos como por exemplo, a ansiedade, o nervosismo, a insegurança, o medo de passar vergonha ao nos expormos oralmente, a frustração, etc.

Acreditamos que esses sentimentos negativos podem afetar o processo de aprendizagem do sujeito aprendiz, indivíduo que se encontra no contexto de aquisição de uma nova língua que, se mal trabalhado, pode criar uma certa aversão ao idioma que está aprendendo, ter seu aprendizado bloqueado e até mesmo abandonar o curso.

Desse modo, uma das preocupações que se fazem presentes neste diz respeito a encontrar maneiras de transformar a sala de aula em um lugar onde as pessoas se sintam confortáveis para aprender, entendendo que os erros fazem parte do processo de aprendizagem e, que com trabalho e dedicação, serão superados com o auxílio do professor. Um lugar onde as pessoas se sintam à vontade para se expressar sem o sentimento de medo, para que possam conviver em um ambiente agradável e favorável ao ensino-aprendizagem sem sofrer com a pressão de meios externos e internos ao ambiente e dos sujeitos.

Stevick (1999), afirma que ao surgir a questão da afetividade no ensino, a primeira imagem que temos em mente é a de um professor amável, alegre e tranquilizador, que mantém a atenção do aluno e ensina de uma forma divertida e leve. O autor concorda que este seja um dos fatores que favoreça a aprendizagem, isto é, o lado sentimental. O aluno precisa se sentir confiante e amparado em sala de aula e, para isto é importante que o professor conheça as necessidades dos seus alunos sem esquecer que seus alunos têm sentimento.

De acordo com Arnold e Brown (1999 *apud* ARAGÃO, 2011), a relação entre afeto e aprendizagem de língua é bidirecional, ou seja, a atenção ao afeto pode melhorar o ensino-aprendizagem de língua, mas o ambiente da sala de aula pode contribuir de maneira

significativamente. Diante disto, justifica-se então a nosso trabalho entender as causas do sucesso ou o fracasso do aprendiz.

AFETIVIDADE: DEFINIÇÃO E ALGUMAS REFLEXÕES

Para melhor compreensão acerca deste trabalho é de suma importância conhecer o significado de afetividade, para isto, nos embasaremos nos estudos de Wallon (1934-1986), segundo o autor, o desenvolvimento intelectual e humano está intimamente ligado ao desejo e ao prazer em aprender, e a afetividade é posta como um dos aspectos centrais deste desenvolvimento humano, nos expressando através das emoções e dos sentimentos quando se trata de desenvolvimento emocional e cognitivo.

Wallon (*op cit*) define a afetividade como o conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados pelos seres humanos e, ela se expressa por meio da emoção e do sentimento. Portanto, ela é a dimensão que determina a atitude que tomamos diante das nossas experiências, sejam elas do mundo externo ou interno.

A emoção é a primeira expressão da afetividade. É o primeiro recurso que o ser humano dispõe para comunicar-se e interagir com o outro. A emoção tem uma ativação orgânica, portanto, não é controlada pela razão. Quando alguém nos agride, ficamos com medo e, revidamos, mesmo sabendo não ser essa a melhor forma de reagir.

Por serem altamente orgânicas, as emoções constituem a face observável da afetividade. Elas alteram a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, apresentam momentos de tensão e de distensão que ajudam a identificá-las. Um estímulo externo é percebido pelo sujeito (por ex.: latido de cão feroz), esse estímulo percorre a amígdala cerebral, que envia um alerta para o hipotálamo que envia uma mensagem para o sistema endócrino liberar adrenalina e cortisol para ativar o raciocínio, aumentar o batimento cardíaco que eleva o fluxo sanguíneo nos braços e pernas. Mais glicose é liberada gerando mais energia para uma reação, a pupila se dilata para melhorar a visão momentaneamente. Todas essas alterações orgânicas visam a prontidão do indivíduo para lutar ou fugir. Acreditava-se que eram em número de seis as emoções básicas, mas uma nova pesquisa feita pelo Instituto de Neurociência e Psicologia da Universidade de Glasgow, na Escócia, reduz para quatro: medo, raiva, alegria e tristeza.

Definição de sentimento

Enquanto as emoções se limitam a quatro, os sentimentos perfazem um número infinitamente maior. São sentimentos: amor, ansiedade, carinho, ciúme, compaixão, confiança, culpa, desamor, desconfiança, desprazer, dor, indiferença inveja, nostalgia, ódio, orgulho, prazer, remorso, saudade, solidão, tesão, entre outros.

O sentimento, apresenta um componente mais cognitivo. Através dos sentimentos é que traduzimos em palavras as sensações que nos afetam – por exemplo, ao verbalizar a maneira como nos sentimos no momento em que aprendemos uma palavra nova naquele idioma que se está estudando. O sentimento também agrega à emoção um outro componente que é o autocontrole, que permite ao indivíduo dominar, por exemplo, o medo para encontrar a melhor solução para lidar com uma situação de perigo, ou durante a apresentação de *jeux de rôle* na aula de francês, onde o indivíduo em dupla ou em grupo terá que encenar uma dramatização diante do professor e dos demais colegas, por exemplo.

O autocontrole ou a falta deste nesta situação resultaria numa boa ou péssima apresentação, pois o medo, a ansiedade, o nervosismo podem fazer com que o aprendiz esqueça sua fala, desencadeando assim em uma situação vexatória que poderia desestimulá-lo ou até mesmo fazer com que ele desista das aulas de francês. Então, nesta situação embaraçosa, entraria o professor que, com o intuito de fazer com que aquela difícil situação não desestime o aprendiz, poderia incentivá-lo a tentar de novo, a refazer sua fala, dando forças para o aluno prosseguir, afirmando que o erro faz parte de todo aprendizado, ou seja, ajudando o aprendiz a se reconectar, a se controlar para assim retomar a concentração e tenha êxito em seu aprendizado. Cabe ao professor o papel inicial de mostrar ao aprendiz a possibilidade de gerenciar seus sentimentos e emoções para que este tenha uma aprendizagem significativa no processo aquisitivo de uma língua estrangeira.

Wallon fala da afetividade apenas na fase da aprendizagem infantil, contudo, Nascimento (2004) contradiz a teoria walloniana pois, segundo este, muitos dos sentimentos e emoções que a criança experimenta no processo de aprendizagem é vivido pelo adulto ao longo de sua vida, embora o desenvolvimento humano na teoria de Wallon seja descrito até a adolescência.

Nascimento afirma que esse desenvolvimento não finda no período da adolescência, pois “a construção do ‘eu’ é um processo que jamais se acaba: o outro interior, ou fantasma do outro, vai acompanhar o ‘eu’ durante toda a vida” (NASCIMENTO, 2004, p. 56).

Logo, afetividade acompanhará o sujeito durante toda sua vida já que estamos em constante aprendizado. Assim como uma criança pode ter sucesso ou não em sua aprendizagem, um adulto também passa por estas mesmas situações, não exatamente iguais ou na mesma proporção das vividas pela criança, mas semelhantes pois, envolve os sentimentos e as emoções. Um adulto que se dispõe a aprender uma língua estrangeira, apesar de o aprendizado não ocorrer idêntico ao de uma criança, se encontra numa posição semelhante à de uma criança pois o adulto percorrerá caminhos desconhecidos, se sentirá inseguro, nervoso, ansioso pois a afetividade

estará sempre presente durante a aquisição de uma língua estrangeira. Nesse sentido, é essencial que o professor de LE esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento.

Murias Carracedo (2011), afirma que pergunta a seus alunos o que eles consideram necessário para que se tenha uma aprendizagem eficaz é de suma importância. Logo, para muitos aprendizes o fator preponderante para o ensino de LE é algo relacionado ao terreno afetivo (professor amável, um ambiente que seja propício a aprendizagem, etc.), e a principal competência que se apontam para uma aprendizagem de línguas é a comunicativa.

A forma como o professor encaminha suas aulas, também pode estimular ou não seu aprendiz durante as aulas: o não gerenciamento das emoções faz com que o aluno desista do curso, ou seja, se durante a aprendizagem tivermos mais sentimentos ruins que bons, mais experiências positivas que negativas, o resultado será na perda deste aluno. Recuperar esse aprendiz é uma tarefa muito árdua, porém, não impossível, tudo dependerá do tipo de relação que ocorrerá em sala de aula.

Levando em conta essa problemática, nossa proposta é apontar os aspectos positivos e negativos dentro dos fatores individuais (internos) e de relação (externos) e, em seguida, propor algumas atividades para trabalhar esses aspectos estimulando os aspectos positivos e, conseqüentemente, minimizando os negativos.

Fatores individuais

A afetividade no seu sentido mais amplo está relacionada aos aspectos das emoções, dos sentimentos e das atitudes que influenciam no nosso comportamento (ARNOLD, 2006). No caso da aprendizagem de línguas, esses fatores podem ser motivadores ou desintegrador, considerando que o aluno necessita se comunicar para aprender um determinado idioma e se vê diante de um ambiente totalmente diferente, no qual se sente vulnerável. A tentativa de se expressar diante dos demais em uma segunda língua, ainda instável, põe o estudante de L2 em uma situação de vários sentimentos que, inicialmente podem ser ruins, mas a depender de como o professor faz a gestão desse processo, podem ser tornar experiências positivas.

Os aspectos positivos e negativos relacionados à aprendizagem de línguas podem estar relacionados a fatores individuais (ou internos) e a fatores de relação. Devemos destacar que existem diversas emoções que estão entrelaçadas e estreitamente ligadas, de forma que é quase impossível isolá-las e muito menos impedir a influência que elas possuem umas sobre as outras. Considerando esta afirmação, observamos que existe uma relação muito íntima entre os fatores individuais e os fatores internos da nossa mente, como a ansiedade, a inibição, a autoestima e a

motivação. Essas características individuais influenciam na personalidade do aluno que está exposto a uma segunda língua.

A ansiedade é, talvez, um dos maiores problemas para a aprendizagem, pois é criado um obstáculo enorme que impede o aluno de se comunicar e interagir na aula. Está associada a sentimentos negativos, como a frustração, o desassossego, a insegurança, o medo, etc. Arnold (2000, p. 26) menciona dois tipos de ansiedade. O primeiro é a ansiedade existencial, que possui três componentes ligados entre si: a ansiedade de aceitação (Me aceitarão? Irão gostar de mim?); a ansiedade de orientação (Compreenderei o conteúdo? Isto é muito difícil?); e a ansiedade de atuação (Conseguirei colocar em prática o que foi aprendido?). O segundo é a ansiedade arcaica, que advém de uma angústia, uma ferida do passado, principalmente na infância, às vezes causada por ter sido ridicularizado diante de uma resposta equivocada em aula.

Cometer erros ao se comunicar em uma língua está implicitamente ligado à aprendizagem de qualquer idioma, inclusive da língua materna. Ter isso em mente pode ser uma ponte para uma comunicação sem medo, mas o que acontece é bem distinto. A inibição é caracterizada, segundo Arnold (2000, p. 27), quando desde pequenas as crianças aprendem a identificar um eu diferente dos demais colegas, e aí se começa a formar esses contrastes afetivos.

Enquanto crianças, ao aprender a língua materna, essas ficam inibidas desses erros, então conseguem participar livremente das atividades e a aprendizagem se tornava uma aventura. E, quando estão crescendo, principalmente depois da puberdade, começam a tomar consciência de suas fragilidades diante do outro e tentam, a todo custo, proteger o seu ego frágil. Isso faz com que optem por se inibir de tudo o que pode ameaçar seu eu, como uma crítica severa, por exemplo. É necessário levar em conta que qualquer pessoa do grupo pode estar colaborando para essa inibição, inclusive o professor, quando, por exemplo, faz a correção de um erro de forma inadequada. Não se deve ignorar os fatores afetivos do aluno ao estabelecer princípios mais adequados à correção.

Vamos agora falar de dois requisitos fundamentais para que a aprendizagem tenha êxito: a autoestima e a motivação. A primeira tem a ver com as experiências internas e externas, e, igual à inibição, ela também se estabelece na infância, só que de forma contrária. Segundo Arnold (2000), a autoestima começa com a aprovação e a confiança de pessoas importantes e depois se interioriza para sempre mantê-la. A autoestima do aluno se encontra vulnerável, principalmente no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, quando ele tenta se

comunicar e dar opiniões de ideias maduras em um veículo de comunicação imaturo (ARNOLD, 2006, p. 2).

O professor de línguas possui um papel fundamental para estimular esses sentimentos positivos, levando em conta que a autoestima abre portas para que o aluno se arrisque e se comunique em outras línguas, dando opiniões, recebendo as devidas correções e consertando seus erros; e, assim, adquirindo fluência e conhecimento da língua meta. Como ressaltam Canfield y Wells (1994, p. 5 apud ARNOLD, 2000, p. 29):

Lo mejor que puede hacer un profesor para ayudar a sus alumnos emocional e intelectualmente es crear un ambiente de apoyo y atención mutuos. Lo que resulta crucial es la seguridad y el aliento que los alumnos sienten en el aula [...]. Además, deben sentir que son valorados y que van a recibir afecto y apoyo.

Outro fator integrador é a motivação, que dá uma direção ao aluno para realizar desde metas importantes em sua vida até o desejo de se arriscar a aprender uma nova língua. Tradicionalmente a motivação se distingue em duas orientações gerais: a motivação integradora, que se caracteriza pelo desejo de se comunicar, de conhecer outras culturas e, assim, passar a tomar parte dela; e a motivação instrumental, que acontece quando o aluno quer aprender a língua para ser aprovado na disciplina ou conseguir uma ascensão no trabalho, por exemplo.

Considerando essas orientações, definimos dois tipos de motivação: a extrínseca e a intrínseca. A motivação extrínseca nasce do desejo de conseguir algo como recompensa pelo aprendizado, o foco está em algo externo, poderíamos associá-la à motivação instrumental; já a motivação intrínseca é um desejo de aprender para sua própria recompensa de adquirir conhecimento, a qual relacionamos com a motivação integradora. O que acontece no ensino, e agora de modo geral, é que a maioria dos professores e das instituições põe ênfase na motivação extrínseca, quando passam provas e trabalhos avaliativos que, além de desenvolverem esse interesse por algo externo que não seja a aprendizagem por si só, também desenvolvem a competitividade.

Fatores das relações interacionais

Durante o processo de ensino-aprendizagem do francês, o aluno se encontra em um ambiente completamente novo; a aula se torna um “tipo de cultura”; e o ambiente, uma sociedade especial, onde se criam situações interacionais entre os participantes. Considerando que o aprendiz se encontra em uma nova comunidade cultural (na qual ele não conhece a

cultura, os colegas e tampouco a língua), ele não sabe se vai conseguir se integrar nesse meio, porém é necessário se aventurar para aprender uma segunda língua. Dessa forma, existem certos fatores externos ao indivíduo que influenciam no aprendizado e que, mais uma vez, traz a figura do professor com o papel muito importante de fomentar a empatia professor-aluno/aluno-aluno levando em conta também os processos interculturais, considerando as diferenças entre a cultura da língua materna e a cultura da L2.

O *Plano curricular del Instituto Cervantes: Niveles de referencia para el español* (2006), por exemplo, a partir das propostas do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001), concede um lugar central ao falante intercultural na aprendizagem de línguas estrangeiras. Este documento apresenta três dimensões do aluno: como agente social, capaz de participar em transações e interações; como aprendiz autônomo, responsável e com autonomia no seu próprio processo de aprendizagem; e como falante intercultural:

“que ha de ser capaz de identificar los aspectos relevantes de la nueva cultura a la que accede a través del español y establecer puentes entre la cultura de origen y la de los países hispanohablantes” (p. 33).

O facilitador impulsiona e ajuda seus alunos a conquistarem o aprendizado; seu papel não é pôr na cabeça do aluno o que ele necessita aprender, e sim lançar ideias, sugestões e impulsionar esses alunos à busca.

A empatia é basicamente o ato de se colocar no lugar do outro, considerando que esse outro tem uma bagagem cultural, costumes e formas de pensar que são distintos dos nossos. Está relacionada à apreciação da identidade do outro indivíduo e, conseqüentemente, de outra cultura. Segundo Arnold (2000), sua principal contribuição é a coexistência harmoniosa dos indivíduos na sociedade. Dessa forma, para que incite a empatia em uma aula de espanhol, por exemplo, é necessário primeiramente que o professor tome consciência dos seus próprios sentimentos, e, só depois, ele pode ser um modelo de comportamento empático para seus alunos.

Outro aspecto que devemos levar em conta são as transações que acontecem na aula. O facilitador impulsiona e ajuda a seus alunos a conquistarem o aprendizado; seu papel não é pôr na cabeça do aluno o que ele necessita aprender, e sim lançar ideias, sugestões e impulsionar esses alunos à busca. É sobre essa perspectiva que Arnold (2006) menciona três modalidades de facilitador na tentativa de equilibrar esse papel que necessita de muito “jogo de cintura” para se adequar a cada situação, ressaltando a importância de cada uma no processo de ensino-aprendizagem.

Na modalidade hierárquica, o facilitador ainda se encontra responsável pelas decisões principais do processo de aprendizagem; na modalidade cooperativa, o facilitador compartilha algumas decisões com os alunos e os orienta para que dirijam mais sua própria aprendizagem; na modalidade autônoma, o professor deixa seus alunos trabalharem sozinhos, sem intervenção. Alguns estudiosos afirmam que, nesta última modalidade, a autonomia dada não significa abandonar a responsabilidade de ensinar e orientar os alunos. Na verdade, de acordo com o que já foi dito, esse processo vai depender da participação de cada modalidade, seguindo a ordem de colocação (modalidade hierárquica, modalidade cooperativa e modalidade autônoma).

Outros principais fatores, como já foi dito, são os processos interculturais, nos quais o aluno necessita se integrar a uma nova e distinta cultura. Porém, existem dificuldades emocionais que impedem essa integração devido à confrontação entre duas culturas. Dessa forma, para que a aprendizagem de línguas tenha êxito, é necessário que os alunos estejam dispostos a adotar várias condutas de nível linguístico e também cultural.

Arnold (2000), parte da definição do fenômeno da aculturação como uma integração social e psicológica do indivíduo com o grupo da língua em questão e, indica que essa combinação de fatores sociais e afetivos é uma variável significativa na aquisição de segundas línguas, ou seja, os alunos aprendem o idioma de acordo com o grau de aculturação que eles desenvolvem.

Dentro desses processos, destacamos dois fenômenos negativos, como o choque linguístico, caracterizado pelo medo de não conseguir apontar suas ideias adequadamente na língua estrangeira; e o choque cultural, que se caracteriza por um tipo de ansiedade que está relacionado a sentimentos como raiva, hostilidade, frustração, infelicidade, nostalgia e até dor física, podendo ser um problema passageiro. Mas, que ainda assim pode permanecer com questões mais sutis, como a de identidade e dificuldades de adaptação à nova cultura e ao novo idioma, o que chamamos de estresse cultural.

Desse modo, Arnold (2000) considera a aculturação em função de quatro etapas: a primeira é um estado de entusiasmo com a nova cultura; a segunda seria o choque cultural que acontece quando as diferenças entre culturas criam um obstáculo em relação à segurança que o aluno deveria possuir; a terceira é o estresse cultural, uma tentativa, sem firmeza, de recuperação da cultura meta; e a quarta representa a assimilação/adaptação/aceitação a essa nova cultura.

A problemática na formação do professor de FLE no Brasil hoje

Podemos pensar numa primeira problemática da formação do professor de FLE: onde esse professor aprende a língua francesa? É sabido que muitas pessoas que dão aulas de francês, principalmente em cursos livres de idiomas, não possuem licenciatura em Letras/Francês. Geralmente, essas pessoas aprendem a língua graças a um intercâmbio em algum país francófono e, na volta, são contratadas para dar aulas; afinal, em nosso país ainda há a crença de que para ser um professor de língua estrangeira basta ter o domínio da língua que se vai ensinar.

O domínio desse objeto é fundamental, entretanto não é suficiente para assegurar um ensino de qualidade. Várias outras questões estão em jogo, como a formação inicial específica. Para Tagliante (2006, p.19):

[..] o domínio das noções teóricas adquiridas na formação inicial é essencial. As qualidades pessoais do professor também são igualmente importantes. São elas que estabelecerão os contatos com os aprendizes, as capacidades de escuta, de resposta, de animação e de movimentação dos grupos, a disponibilidade. A qualidade do ensino e, numa grande medida, a qualidade dos resultados da aprendizagem dependem bastante dessas qualidades.

Teoricamente, então, a formação inicial seria de extrema importância para a atuação profissional pois, serviria de base para todos os outros conhecimentos adquiridos. Porém a maioria dos alunos que entram no curso Letras/Francês não dominam quase nada, ou de fato não dominam, o conhecimento do idioma. Após em média 4 anos de graduação em um curso de licenciatura, acredita-se que o aluno deva estar apto para entrar em sala de aula e atuar nela com segurança.

Essa segurança, entretanto, é alcançada justamente durante sua formação. Isso, sem dúvida, implica dizer que o professor deve estar bem preparado para o que lhe será exigido e, a formação sólida, articulada a uma prática inovadora é um aspecto basilar. Direcionando-se ao conhecimento de língua, espera-se que esse profissional domine as competências didático-pedagógicas e, claro, as especificidades do objeto que futuramente ensinará.

Um professor inseguro tende não conseguir ter domínio de classe, em sua fala acaba por passando insegurança e medo aos seus alunos, muitos, afim de esconder o medo tendem a dar aula usando uma metodologia tradicional, cheia de autoritarismo, criando um clima repressor dentro da sala de aula. Sobre esse início de carreira, Tagliante (2006) afirma que muitas das dificuldades enfrentadas por professores que ainda se sentem inseguros seriam sanadas através da formação continuada e a auto formação.

No entanto, a realidade que se encontra nas escolas é bastante diferente e, diante da realidade no ensino de FLE em escolas públicas brasileiras nos perguntamos: como esses licenciados poderão desenvolver em seus alunos conhecimentos que ele, na maioria dos casos,

não domina? Então face à insegurança do professor recém-formado, muitos optam por “ensinar” a LF copiando textos no quadro e pedindo que os alunos os copiem, sem desenvolver as competências comunicativas e sem que o aprendizado de fato ocorra. E, além da insegurança e da inexperiência de muitos recém-formados, há falta de habilidade em lidar com os problemas relacionados à aprendizagem.

Outra questão, é o professor inseguro, que tende a ter uma postura mais tradicional, criando um certo clima de medo na sala de aula, um bloqueio que impede uma maior aproximação por parte do aprendiz. Este por sua vez amplia seu medo de perguntar, de tirar suas dúvidas, aumentando assim o afastamento entre ambos. Logo, a segurança é a peça chave para que o aprendiz se sinta a vontade e saiba que poderá contar com o apoio do professor. Pois um olhar repressivo diante do erro do aluno ou, até mesmo a forma incorreta de se corrigir um aluno, expondo seu erro diante da classe poderá causar no aprendiz um sentimento de medo e fracasso.

Dizer ao seu aluno que errar faz parte do processo de aprendizagem e que este pode contar com a ajuda do professor para superar suas dificuldades pode gerar o sentimento de autoconfiança neste aprendiz. Sobre o erro apresentado durante a aquisição da LE, Tagliante (2006, p.156) nos traz a seguinte afirmação:

Os erros fazem parte da aprendizagem. Eles são a prova de o sistema linguístico funciona, se configura. Quando um aprendiz produz um erro, ele faz funcionar sua interlíngua. O erro reflete uma competência linguística transitória, ele corresponde a uma tentativa de comunicação correta.

Tal afirmativa nos leva a inferir que um professor seguro de sua prática docente e de posse do conhecimento de diagnóstico e de tratamento do erro poderá ajudar seu aluno a superar suas dificuldades e assim avançar no seu aprendizado.

A má formação de um profissional pode ser ruim para a vida de um aprendiz, quantas experiências ruins este professor pode levar para seus alunos a vivenciar. Não se quer aqui julgar ninguém, mas mostrar que um professor sem o devido conhecimento, sem práticas de ensino adequadas pode sim ser prejudicial ao desenvolvimento do aprendiz, bem como, a falta de segurança por parte deste professor pode levar ao distanciamento do aprendiz, ao fazer por fazer, a falta de empatia para com seu aluno e até mesmo fazer com que este aluno desista do curso.

É muito comum vermos professores chegarem na sala de aula, fazerem a chamada escolar se dirigindo ao aluno não pelo nome mas, sim por seu número da chamada, ou seja, trata o aluno não pela pessoa que é mas, sim por um número, aumentando ainda mais a distância que há entre os sujeitos professor e aluno. Isso pode criar uma barreira que impede a aproximação

do aluno e com isso a ausência do afeto aumenta ainda mais, criando um clima seco e autoritário ao invés de um ambiente alegre e leve. Ingredientes que auxiliam no aumento da confiança e no autocontrole do aprendiz.

Sobre a responsabilidade que um professor deve carregar, Wallon (1934, p.56) diz:

Um professor realmente ciente das responsabilidades que lhes são confiadas deve tomar partido dos problemas de sua época. Ele deve tomar partido não cegamente, mas à luz do que sua educação e sua instrução lhes permitam fazer. Ele deve tomar partido para conhecer verdadeiramente quais são as relações sociais, quais são os valores morais de sua época. Ele deve se engajar não somente com seu trabalho de escritório, e não somente para a análise das situações econômicas ou sociais de seu tempo e de seu país; ele deve ser solidário com seus estudantes, aprendendo com eles quais são as suas condições de vida, por exemplo. Ele deve constantemente buscar novas ideias e modificar a si próprio para um contato permanente com uma realidade em evolução permanente, feita da existência de todos e que deve atender aos interesses de todos.

Diante do exposto, percebemos que ser professor é mais do que carregar consigo o manual de língua, um pincel magnético e um apagador.

O papel da figura docente no gerenciamento das emoções

Primeiramente, destacamos a competência comunicativa como o principal objetivo do professor de línguas. Só escutar e ler o idioma não são suficientes, é preciso falar e interagir. Devemos ressaltar que esses objetivos dependerão da natureza do curso, já que, por exemplo, um curso de espanhol instrumental não terá a prática da expressão e interação oral como seus objetivos. Embora tenhamos objetivos comunicativos em nossas classes, muitos alunos não conseguem alcançar essa competência. Isso se deve, como já foi falado, entre outros, a diversos fatores (individuais e de relação), como a relação inter/entre indivíduos do grupo e o choque de culturas que interferem na aprendizagem.

O professor necessita conhecê-los e levá-los em conta na aula de línguas. Por isso, o papel do educador vai muito além de ser um transmissor de conteúdo. Arnold (2006, p. 1) nos lembra que o leitor é aquele que sabe a disciplina, no caso o espanhol; o professor é aquele que, além de saber o conteúdo, busca métodos e técnicas para trabalhá-lo em sala; e já o facilitador se caracteriza como o profissional que, além de saber a disciplina e a metodologia, gera um clima psicológico propício à aprendizagem livre. Em outras palavras, o facilitador é o docente com mais recursos e que é sensível às necessidades e ao interior do aluno e à relação entre as pessoas na aula. Nesse sentido, o papel do professor é basicamente de criar um ambiente propício à comunicação livre e mediar a troca de ideias, assim estimulando os aspectos positivos e, conseqüentemente, reduzindo os negativos.

Wallon (1934) mostra que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mas, assim como o pensamento infantil, no adulto também apresentam uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial. A emoção, segundo o educador, é a primeira expressão da afetividade. Ela tem uma ativação orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. Um bom exemplo disso, é quando alguém é assaltado e fica com medo, pode sair correndo mesmo sabendo que não é a melhor forma de reagir. Isso ocorre por consequência de uma emoção orgânica de medo, que faz o indivíduo ter uma reação errada no momento.

Então podemos dizer que mensurar o grau de aprendizado do aluno de acordo com a afetividade expressa por ele durante as aulas e, ensinar-lhe a gerenciar seus sentimentos e emoções lhe trará benefícios e o aumento de sua capacidade de se comunicar em outra língua, isso é uma grande vantagem para o processo da aprendizagem.

Logo, para melhor entender a importância da afetividade e como gerenciar as emoções no processo de aprendizagem do FLE, devemos conhecer os dois sujeitos mais importantes deste processo: o professor e o aluno. Em relação ao professor deve-se ver até que ponto sua formação influencia no desenvolvimento de sua prática e o resultado dela no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de seu aprendiz, bem como as marcas de domínio cognitivo e afetivo deixadas em seus alunos por ele. E, quanto aos alunos, devemos saber observar suas primeiras emoções expressas, suas relações interacionais iniciais, suas dificuldades e saber gestionar tudo isso em sala.

Vale ressaltar que, durante a formação de um professor de LE, a metodologia de ensino empregada na tal formação, deixa suas marcas neste futuro professor que, em suas aulas, replica e perpetua um ensino tradicional e ultrapassado, aquele que reprime e não permite um aprendizado satisfatório por parte do aprendiz. Abordaremos mais a frente sobre algumas estratégias de ensino empregadas pelos professores e suas consequências durante o aprendizado de uma LE.

Estratégias de trabalho do gerenciamento dos sentimentos e emoções nas classes de LE

Levando em consideração que estimulando os aspectos positivos se reduz os negativos, nossa proposta é sugerir algumas atitudes e atividades gerais que o professor de línguas necessita trabalhar em suas aulas para desenvolver a competência comunicativa. Em primeiro lugar, o professor deve possuir características que facilitem a aprendizagem, a comunicação e a troca de ideias, e, para isso, ele necessita primeiro se conhecer, conhecer seus sentimentos

positivos e negativos para, assim, ser um professor empático com seus alunos. O professor necessita ser exemplo de empatia.

Por outro lado, em relação ao ambiente, deve ser livre, cômodo e de respeito. O aluno deve ser tratado sempre com respeito, e seu sentido do eu (ego) deve ser preservado a todo o momento: “Se puede reducir la ansiedad sustancialmente por medio de la actitud del profesor y de la atmósfera que este crea en el aula” (ARNOLD, 2006). Para isto, existem técnicas que podem reduzir a ansiedade a dois níveis: fisiológico e psicológico.

Para trabalhar o nível fisiológico, o professor pode ensinar os alunos a relaxarem, com músicas suaves e os direcionando a observar sua própria respiração. E com essa técnica a tensão vai desaparecendo dando lugar à sensação de tranquilidade. Para trabalhar o nível psicológico, uma opção é usar as técnicas cognitivas para modificar o diálogo interno, trocando “isso é muito difícil”, “não consigo falar” e “não consigo fazer” por “isso é um desafio” e “consigo falar e aprender se me esforçar”. Vale ressaltar que o professor deve criar um ambiente de cooperação, e não de competição.

Também é preciso dar oportunidade para os alunos expressarem suas preocupações, para que, assim, eles possam perceber que seus problemas não são únicos e que há pessoas no grupo que sentem o mesmo que eles; e é importante não pressionar o aluno a falar antes que ele se sinta capaz. Uma técnica que é procedente da aprendizagem cooperativa é apresentar algumas perguntas e dar um momento para apontar ideias; em seguida, cada um divide suas ideias com os colegas e, só depois de haver pensado e se comunicado com uma pessoa, fala diante do grande grupo. Não podemos deixar de mencionar que a correção deve ser feita de maneira adequada. O professor deve se atentar à maneira como corrige seu aluno, pois uma crítica severa e palavras humilhantes podem debilitar o ego frágil que o aluno estava tentando proteger a todo custo, aumentando, assim, os muros da inibição e da ansiedade.

Outro elemento fundamental é chamar o aluno pelo nome, mostrando que ele tem valor para o professor, demonstrando confiança nas suas capacidades de aprender a língua estrangeira e também apontando os avanços por ele alcançados. Finalmente, para desenvolver no aluno uma vontade (motivação) pela busca a aprender algo, é necessário que a aprendizagem tenha significado pessoal na vida do aluno. Ele necessita perceber a utilidade do que está estudando para, assim, aprender. E isso só se torna possível se o professor levar em conta as necessidades e os interesses do aluno (FONSECA MORA, 2005).

A afetividade no contexto escolar

Toda pessoa inserida no processo de construção do saber é atingida tanto por elementos externos - o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio - quanto por sensações internas - medo, alegria, fome - e responde a eles e essa condição humana recebe o nome de afetividade e é crucial para seu desenvolvimento.

Já ouvimos dizer que experiências boas e ruins influenciam de formas diferentes no aprendizado de uma pessoa. Por exemplo, um educador atencioso, que presta atenção em cada necessidade e dificuldades de seu aluno desperta memórias positivas e contribuem de forma benéfica para aprendizagem. Ao mesmo tempo, um professor muito autoritário, que ofende ou é impaciente ao ensinar, pode afetar de forma negativa o desenvolvimento do saber, criando inclusive bloqueios, desmotivação, desinteresse de aprendizado neste aluno, ele apresentará dificuldades de aprendizado.

Sobre as dificuldades de aprendizagem, García Sánchez traz a seguinte definição da expressão “dificuldades de aprendizagem” a partir de um conceito internacional como sendo:

(...), as dificuldades de aprendizagem se caracterizam por um funcionamento substancialmente abaixo do esperado, considerando a idade cronológica do sujeito e seu quociente intelectual, além de interferirem significativamente no rendimento acadêmico ou na vida cotidiana, exigindo um diagnóstico alternativo nos casos de déficits sensoriais. A partir daí, surgem propostas de intervenção psicopedagógica e modelos baseados nos processos nucleares das habilidades de leitura, de escrita e de matemática (ver Capítulo 4). Assumem-se, portanto, um critério de discrepância entre aptidão e o rendimento e um critério de exclusão, além do baixo rendimento e da interferência na vida cotidiana. A conceitualização do Comitê Conjunto sobre Dificuldades de Aprendizagem está na mesma linha, ao sugerir que as dificuldades de aprendizagem são algo heterogêneo, supõe problemas significativos na conquista das habilidades da leitura, de escrita e/ou matemática, que se acredita ser intrínsecas ao indivíduo, é possível encontrar superposição com outros problemas que não se devem a influências extrínsecas. (2004, p15-16).

Muitas dessas dificuldades de aprendizagem são geradas pelo mau gerenciamento da afetividade em sala de aula, muitos desses problemas de aprendizagem nada mais são do que experiências negativas vividas em sala de aula. Paín (1992, p. 32) destaca que, na concepção de Freud, os problemas de aprendizagem não são erros: “são perturbações produzidas durante a aquisição e não nos mecanismos de conservação e disponibilidade...”; é necessário procurar compreender os problemas de aprendizagem não sobre o que se está fazendo, mas sim sobre como se está fazendo.

Wallon (1941) afirma que a afetividade está sempre presente em todos os momentos, movimentos e circunstâncias de nossas ações, assim como o ato motor e a cognição. Para ele, o espaço permite a aproximação ou o retraimento em relação a sensações de bem-estar ou mal-estar. É importante saber o que a escola, a sala de aula, a distribuição das carteiras e a organização do ambiente provocam nos alunos: abraço ou repulsa, como podemos ver neste trecho:

"O espaço não é primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento." (Wallon 1986, p. 24)

Logo, é importante a caracterização da sala de aula para uma abordagem inicial que diga ao aprendiz que ele está em um ambiente novo, de ensino de língua, e que pareça acolhedor. Caso contrário, o medo, a insegurança, a falta de estímulos, agirão negativamente neste processo de construção do conhecimento, e reverter este quadro requererá mais esforço. Recuperar o prazer em aprender, reacender a motivação destes alunos é uma tarefa difícil, mas não impossível.

A tarefa de recuperação destes alunos perpassa, principalmente, pelas mãos do professor e, está atrelado a diversos fatores como sua formação: seu conhecimento; seu fazer pedagógico, seu relacionamento com a classe, etc. Há outros elementos que contribuem significativamente com a aprendizagem, dentre eles está a afetividade que pode determinar o sucesso ou o fracasso de um aluno de acordo com as teorias de Wallon.

Paín (1985) postula a importância da tomada de consciência por parte dos profissionais que trabalham com a aprendizagem, no que diz respeito às dificuldades de tratamento psicopedagógico. Além do mais, é indispensável aprender com as experiências para que o outro possa crescer através delas, o que aumenta ainda mais o valor de obras como esta, que articula os saberes da psicologia, pedagogia e da didática possibilitando um entendimento do tratamento transformador.

Paín (op cit) define a aprendizagem da seguinte forma:

(...) é um processo dinâmico que determina uma mudança, com a particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade e de que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidade de atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a aprendizagem é o efeito do comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida. De acordo com isto, a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, pois a urgência da compensação dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la (1985, p.23).

Para Wallon (1941), a inteligência não é o principal componente do desenvolvimento humano, mas sim a vida psíquica, formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva que coexistem e atuam de forma integrada. Segundo Mahoney e Almeida (2005) “o que é conquistado em um plano atinge o outro, mesmo que não tenha consciência disso.”. Como exemplo, temos a seguinte situação: quando uma mãe abre os braços para receber um bebê que dá os primeiros passos, essa expressa com seu gesto a intenção de acolhe-lo e seu bebê reage caminhando em sua direção. Com esse movimento a criança amplia seu conhecimento e é estimulada a aprender a andar.

No exemplo dado acima, ao andar, o bebê desenvolve suas dimensões motora, cognitiva com base em um estímulo afetivo. Em uma situação diferente, olhar repreensor da mãe poderia impedi-lo de aprender. Diante deste exemplo podemos entender que a postura do professor em sala de aula parece afetar diretamente a experiência de aprendizagem do aluno; pela de maneira positiva ou negativa. Como lembra Leite (2006, p. 26), “A natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva), nos seus extremos depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto.” Com base nisto, Mahoney e Almeida (2005) ainda afirmam que “todo ser humano é afetado positiva ou negativamente e reage a esses estímulos”.

A situação do bebê e da mãe acima exposta, pode se assemelhar a situações vividas por aprendizes de uma LE. Temos então, a mãe personificada pelo professor e o bebê pelo aprendiz, em que a confiança e motivação de seguir em frente em uma determinada ação que levará ao aprendiz a praticar os primeiros passos. Logo, a ação estimulada, desestimulada ou reprimida, atitudes tomadas pelo professor, neste delicado processo de aprendizagem de um idioma, são importantíssimas para o avanço da aprendizagem.

A repreensão de uma determinada ação do sujeito aprendiz considerada pelo professor incorreta ou, de uma palavra mal pronunciada, sem a devida atenção, pode levar o aprendiz a desenvolver certos bloqueios. Fazer tais correções de forma inapropriada, na frente da turma, causando constrangimento podem causar sérios danos na aprendizagem daqueles que pretendem aprender uma LE. Situações constrangedoras podem fazer o aprendiz querer desistir do curso, da disciplina e, até criar ainda mais bloqueios, assim, fazendo com que a alunos não consigam oralizar em língua francesa, bloqueando todo e qualquer avanço em sua aprendizagem do FLE. É importante um comportamento adequado por parte do professor ao fazer as devidas correções dos erros e falhas típicas de quem aprende uma nova língua.

Sobre tais dificuldades na aprendizagem Pain (1985), autora da obra *Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem*, em que relata experiências do trabalho

psicopedagógico numa linguagem clara e objetiva, a autora evidencia a necessidade de alertar-nos como quão facilmente marginalizamos aqueles que fazem algo diferente da norma.

Com relação aos problemas de aprendizagem, o conceito do termo, ponto já dito pela autora, deixa claro que os mesmos não podem ser considerados como “erros”, pois, na opinião de Freud, são perturbações produzidas durante a aquisição.

Em suma, pode-se afirmar que cabe ao professor de FLE ensinar o seu aprendiz, de uma forma indireta e sucinta, a fim de que ele possa aprender a controlar suas emoções e sentimentos, pois assim ele terá resultados positivos no processo de aprendizagem. Ensinar-lhe que errar faz parte deste processo, o erro trabalhado para que ele seja superado em forma de lição, é positivo. Estabelecer o respeito mútuo entre os aprendizes na sala de aula também é positivo, pois ao estabelecer a regra de não rir, não zombar do colega quando este errar ou falhar e que aquele que sabe pode ser o monitor para auxiliar aqueles que possuem uma certa dificuldade é positivo.

Encorajar o aluno que se encontra reticente durante uma apresentação, dizer a ele que respire fundo e devagar a fim de oxigenar o cérebro para que assim possa fazer sua dramatização na frente dos demais colegas é bem-vindo. Criar um clima de confiança entre o professor e o aprendiz é uma ponte que aproximará os dois sujeitos desta pesquisa, a confiança na fala ou até mesmo no olhar do professor fará com que aprendiz, se sinta confiante, podendo assim se sentir à vontade pois poderá contar com o apoio do professor e de seus colegas: alegria; paixão; autocontrole; motivação, são um dos sentimentos e emoções que auxiliam no aprendizado do FLE e são preponderantes sim para uma aprendizagem significativa, não importando a idade.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que afetividade é um fator preponderante no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, logo, não seria diferente no ensino de FLE. Apesar dos inúmeros trabalhos já realizados sobre o tema, das discussões nos mais variados eventos e conferências, ainda cabem mais reflexões como esta, que visem trazer luz, orientação e apoio a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do FLE. Logico que, sempre caberá ao professor articular aspectos afetivos e cognitivos, pois como afirmam Leite (2006), em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, a afetividade está presente: na escolha dos objetivos de ensino, no ponto de partida de ensino-aprendizagem, na organização de conteúdo, nos procedimentos de avaliação, melhorando e enriquecendo a prática docente, tão indispensável ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Isso nos leva ainda mais a refletir sobre questões relacionadas à aquisição de uma LE e o papel da afetividade no processo de aprendizagem em FLE, numa visão particularmente psicopedagógica, ou seja, o enfoque no sujeito-professor e sua interação com os outros, os aprendizes. Esse estudo confirma que as emoções e sentimentos afetam toda pessoa no processo de construção do conhecimento, e que é dever do professor buscar as ferramentas necessárias para a gestão de tais processos. Logo, é imprescindível que professor tenha olhos para os fatores individuais e internos que influenciam na personalidade do sujeito aprendiz que se expõe a uma L2, como: a ansiedade, a inibição, a autoestima, a motivação, o desassossego, a frustração, a insegurança, o medo, etc.

Deve-se, ainda, o educador observar os fatores externos que influenciam os seus aprendizes, como: os traumas, os olhares dos outros, as situações interacionais negativas anteriores, as situações sociais do momento, o choque de culturas e línguas (processos interculturais). Tudo isso, deve-se somar a construção pedagógica de ensino, como: organização da sala de aula, construção do material pedagógico, a abordagem aos alunos, a recepção em sala, a busca pela metodologia a ser aplicada (de acordo com desenvolvimento e interação dos alunos). Refere-se ao sujeito aprendiz, durante todo esse estudo, ora na forma singular, ora no plural, pois o professor deve observar esse como unidade, e como parte de um grupo.

Desse modo, fazendo escolhas assertivas que gerem pontos positivos, reduzindo os negativos dentro do processo de ensino, o professor estará mais propenso a criar um ambiente de ensino favorável tanto a aprendizagem, quanto para ele e para o aluno. O desbloqueio do filtro afetivo poderá acontecer se o educador lançar mão da aula tradicional, para buscar a

ingredientes que fazem de uma sala de aula um espaço de mais acolhedor, compreensivo, afetivo, e que contribui para tal processo de ensino-aprendizagem de FLE.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, J. La dimensión afectiva en el aprendizaje de idiomas. Madrid: Cambridge University Press, 2000. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/pdf/rabat_2015/03_arnold.pdf> Acesso em: 09 ago. 2022.

_____. Los factores afectivos en el aprendizaje del español como lengua extranjera. Centro Virtual Cervantes. Antologías de textos de didáctica en español, 2006. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/antologia_didactica/claves/arnold.htm> Acesso em: 09 ago. 2022.

ARNOLD, J. & BROWN, H. D. A map of the terrain. In: **ARNOLD, J.** Affect in Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 4-24. In: **ARAGÃO, R. C.** A Dimensão Afetiva no Ensino e na Aprendizagem de L2. UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_304.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

CONSELHO DE EUROPA, Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: ASA, 2001. Disponível em: <<https://medias.hachette-livre.fr/media/contenuNumerique/007/4140016745.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua. In: Revista Signótica 7, Goiânia: Ed. UFG, 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/download/7380/5246/27628>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

FONSECA MORA, M. C. 2005. El componente afectivo en el aprendizaje de lenguas. In: **BRADY, I. K.** (coord.). Nuevas tendencias en lingüística aplicada. Murcia: Servicios publicaciones UCAM, 2004, p. 55-79. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/309583526_El_componente_afectivo_en_el_aprendizaje_de_lenguas/link/58186b8c08aedc7d896a25ce/download>. Acesso em: 21 ago. 2022.

GARCÍA, J-N. Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

INSTITUTO CERVANTES. El plan curricular del Instituto Cervantes: niveles de referencia para el español. In: CENTRO VIRTUAL CERVANTES. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/plan_curricular/default.htm>. Acesso em: 21 ago. 2022.

LEITE, S.A. Afetividade e práticas pedagógicas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006, p. 15-95.

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L.R.de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. Psicologia da educação, v.20. 2005. ISSN 1414-6975. p. 11-30.

MURIAS CARRACEDO, R. El componente afectivo en la clase de ELE, 2011. CONPROFES: Congreso Mundial de Profesores de Español. 18 min, son., color. Disponível em: <<http://comprofes.es/videocomunicaciones/el-componente-afectivo-en-la-clase-de-ele>>. Acesso em: 23 ago. 2022.

NASCIMENTO, M. L. A criança concreta, completa e contextualizada: a psicologia de Henri.

PAIN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 28-32. 1992.

SANCHEZ, G. Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica: Conceitualização, Processo, História, Teorias. Cap.1. Os Termos Dificuldade de Aprendizagem (da) e Intervenção Psicopedagógica (IP). Disponível em: <https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_84_.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

STEVICK, Earl W. Affect in learning and memory: from alchemy to chemistry. In: **PIRES, S. S.** Aspectos afetivos nos processos de ensino aprendizagem de língua estrangeira na meia-idade. UFRGS. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5341/000468868.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. [Livro Eletrônico]. 1ª Ed. São Paulo. Cortez, 2013. p. 91-98.

TAGLIANTE, C. La Classe de Langue. Paris, CLE International, 2006.

VERAS, S. R; **FERREIRA**, S. P. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem em contexto universitário.

WALLON, H. As origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole, 1986.

_____. As Origens do Caráter na Criança. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

_____. A evolução psicológica da criança. Lisboa, Edições 70, 1941.

_____. As origens do caráter. São Paulo: Nova Alexandria, 1934.

WALLON. In _____. **CARRARA**, K. Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

KRASHEN, S. D. Second Language Acquisition and Second Language Learning. New York: Prentice Hall, 1981. In: **PAIVA**, V. L. M. O. Aquisição de segunda língua. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2014.